

# SEXUALIDADE E LINGUAGEM: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Bruno Felipe Marques Pinheiro; Maria Fernanda da Costa Oliveira

*Universidade Federal de Sergipe*

[bpinnheiro@hotmail.com](mailto:bpinnheiro@hotmail.com)

[nanda\\_gdn@hotmail.com](mailto:nanda_gdn@hotmail.com)

## Resumo

Em uma perspectiva biológico-linguística, um dos objetivos desta pesquisa é perceber e trabalhar os mais variados tabus relacionados à sexualidade e às questões de gênero. Em uma sociedade marcada pelo preconceito, seja ele racial, étnico, de credos, de opiniões políticas ou de orientação sexual, todo ser humano precisa ser respeitado independentemente de suas escolhas. Partindo de fundamentações teóricas acerca de estudos voltados à sexualidade e à linguagem, esta pesquisa foi realizada a partir de uma experiência em uma instituição escolar particular, cuja identidade foi preservada. A metodologia utilizada foi a partir de questionários sobre tabus e preconceitos aplicados a 20 estudantes voluntários, que responderam 8 perguntas cada. Os resultados demonstram que existe uma disparidade no que os informantes dizem no primeiro momento do que eles realmente pensam e as concepções apresentadas por eles sobre sexualidade e linguagem apresentaram uma divisão binária. Assim, sugere-se, que os professores da educação básica realizem um trabalho interdisciplinar de separação acerca do que seja sexualidade, linguagem e gênero, uma vez que deve ser concebida a partir de uma diferenciação de sexo biológico e produção social de gênero.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Linguagem; Questões de gênero; Tabu; Educação Básica.

## GÊNERO NA ESCOLA: UMA INTRODUÇÃO

Inúmeras discussões e vários estudos já foram desenvolvidos para entender questões sobre linguagem, sexualidade e gênero, trazendo como finalidade auxiliar e facilitar o processo de reflexão e discussão acerca dessas temáticas. A presente pesquisa, por sua vez, pretende se alinhar a essas reflexões, restringindo-se para uma análise interdisciplinar focada no ambiente educacional.

A escola cumpre seu papel em uma relação social de poder, que percebemos, por exemplo, no momento de interação entre professor e aluno em sala de aula. Dessa maneira, tal instituição prolifera inúmeros discursos na relação entre seus interlocutores, dentre eles sociais, ideológicos, políticos, religiosos. Sabe-se, pois, que esses fatores impactam também em questões relacionadas à sexualidade e inclusive na própria linguagem. Seguindo essa perspectiva, a proposta desta pesquisa é analisar questões acerca da sexualidade e linguagem, seus impactos nas relações de gênero, e como elas interferem no contexto de formação do aluno.

A situação torna-se mais alarmante quando os estudantes se deparam com alguns professores que se utilizam de suas verdades absolutas, e implantam suas concepções de

sexualidade, apagando outros sujeitos que não estejam inseridos no que se nomeia como “o padrão” para a sociedade. E isso é preocupante, pois vai de encontro com a concepção de âmbito escolar, esse teoricamente, é para ser entendido como lugar de descobertas e discussões.

Em uma perspectiva biológico-linguística, um dos objetivos desta pesquisa é perceber e trabalhar os mais variados tabus relacionados à sexualidade e gênero. Apesar de tantas discussões acerca desse tema, o corpo social brasileiro ainda é marcado pelo preconceito, seja ele racial, étnico, de credos, de opiniões políticas ou de orientação sexual. Quanto a isso, a Constituição Brasileira, no art. 5º, nos assegura: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988, p. 5).

No que tange ao espaço escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), por meio dos temas transversais, legitimam os educadores a inserir em suas aulas conteúdos sobre Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, e que estejam transversalmente no ensino das disciplinas. É necessário que os professores e alunos reflitam a importância de trabalhar com esses temas transversais, pois, “o compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política” (BRASIL, 1998, p. 17).

No que concerne à sexualidade e à orientação sexual, particularmente, é um tema que deve ser amplamente discutido no ambiente escolar, podendo ser observado em diferentes perspectivas e manifestações, dentre elas, por meio da linguagem. (cf. BRASIL, 1998)

Apesar do tema orientação sexual ser comumente trabalhado apenas pelos professores de Ciências e Biologia, a discussão vai além de se trabalhar apenas com aspectos biológicos relacionados à saúde, como por exemplo, as DST (doenças sexualmente transmissíveis). A proposta encontrada nos PCNs é de que a sexualidade seja trabalhada de forma interdisciplinar. Logo, tanto a sexualidade quanto a linguagem se correlacionam à medida que essa relação se revela por meio dos tabus sociais que, muitas vezes, são manifestados através de uma linguagem erótico-obscura, a partir do uso de palavrões, por exemplo. Essa atitude interfere nas noções de sexualidade e gênero, porque ao passo que as pessoas proliferam seus preconceitos, elas machucam e ferem o outro. (cf. CARVALHO; ANDRADE; MENEZES, 2009; ORSI, 2011)

## **- Tabu Linguístico, Sexualidade e Gênero**

O indivíduo, dentro do seu processo de formação na sociedade, constitui-se enquanto sujeito a partir de regras e valores, adaptando-se conforme os ensinamentos os quais aprendeu. Entretanto, é necessário pensar quais aprendizados sociais interferem na formação das pessoas ao ponto delas construírem por meio disso variados tabus e isso chegar ao ponto de interferir no convívio com sua comunidade.

A sexualidade, por uma questão histórica, percebe-se que é um tema que até hoje é tabu dentro da sociedade. No relacionamento de pais e filhos, como na escola, essa temática é vista como proibida e que não pode ser nomeada, gerando assim dúvidas e formatando uma imagem totalmente negativa para o assunto, uma vez que a sexualidade é um conceito abstrato, e as pessoas começam a concretizar o seu tabu por meio da linguagem, isso porque “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (LOURO, 1997, p. 65).

Assim, o Tabu Linguístico nasce do ato comunicativo utilizando itens lexicais interligado com um bloqueio a uma questão que dentro da sociedade é vista como obsceno, vulgar, ruim e errado (ORSI, 2011). Dentro de uma situação comunicativa, por exemplo, um diálogo entre amigos, o tabu linguístico aparece quando um desses interlocutores cria metáforas, expressões e tenta fugir do nome real das nomeações.

O tabu linguístico é decorrente das sanções, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega. E, por estar em si também o impulso por ultrapassá-los, o homem reverte as imposições e usa os palavrões e outras construções lexicais como forma de expressão de seus sentimentos e meio de subversão das proibições (ORSI, 2011, p. 336)

Dessa maneira, observa-se que a relação do tabu está ligada a determinados usos aos quais os falantes utilizam em sua linguagem, ou por meio de palavrões, ou por palavras erótico-obscenas utilizadas no momento que verbalizam. Tabu linguístico e palavrão andam juntos. O palavrão ultrapassa o limite da considerada boa decência e da moralidade, por isso, a utilização de algumas palavras erótico-obscenas. (cf. ORSI, 2011).

Dessa maneira, atenta-se que a linguagem influencia diretamente as concepções de sexualidade, e por sua vez, também as questões de gênero. Na sociedade, tais relações ainda são

consideradas tabus e precisam ser discutidas no convívio com as pessoas e principalmente no ambiente escolar.

A noção de sexualidade como busca de prazer, descoberta das sensações proporcionadas pelo contato ou toque, atração por outras pessoas (de sexo oposto e/ou mesmo sexo) com intuito de obter prazer está diretamente ligada a fatores genéticos, satisfação dos desejos do corpo e principalmente a fatores culturais.

A relação da sexualidade com os fatores mencionados acima perpassa, também, na escola que, às vezes, reitera esse discurso construído historicamente. Neste ponto, deve-se prestar bastante atenção, pois a instituição escolar não deve cristalizar uma única maneira de conceber sexualidade, mas sim trabalhar com as identidades dos sujeitos, seja ela sexual ou de gênero, fazendo com que o educando não seja atravessado por um discurso perpassado através da história

O conceito de gênero deve ser entendido a partir de uma “construção social, essa se faz sobre um corpo e significa colocar em questão a existência de um corpo a *priori*, quer dizer, um corpo que existiria antes ou fora da cultura” (LOURO, 2007, p. 209). O termo gênero foi construído quando solicitaram a Donna Haraway, teórica estadunidense, a implementação dessa palavra em um dicionário de cunho marxista, foi quando ela criou um significado: “é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual múltiplos terrenos de luta” (HARAWAY, 1995, p. 221).

Logo, o conceito de gênero parte do modo de como as características sexuais de um determinado indivíduo são representadas em um determinado contexto político, social e ideológico e que afeta diretamente sua constituição enquanto sujeito. Por sua vez, essa afetação também perpassa e rompe com a concepção de um determinismo biológico, pois o órgão genital que um determinado indivíduo nasce não necessariamente define seu gênero, pois “o uso do conceito de gênero pode ser considerado como uma ferramenta para romper com o determinismo biológico que naturaliza a constituição de mulheres e homens, enfatizando que esse processo se dá no âmbito das relações sociais (CASTRO, p. 147).

## **ORGANIZANDO OS DADOS: UMA METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a partir de um Fórum Político Pedagógico Interdisciplinar realizado com alunos de uma instituição escolar particular da cidade de Aracaju/SE, cuja identidade foi preservada. Foram feitos questionários com 8 perguntas objetivas, com 20

estudantes voluntários de orientação heterossexual (13 do *sexo feminino/cisgênera* e 7 do *sexo masculino/cisgênero*), na faixa etária de 15 a 18 anos.

## TABUS, PRECONCEITOS E OS DADOS: SUAS DISCUSSÕES

O gráfico abaixo demonstra que existe uma disparidade no que os jovens entrevistados dizem no primeiro momento do que realmente pensam. Percebemos isso durante os questionários, no qual 75% dos entrevistados afirmaram não possuir nenhum preconceito, porém ao longo das outras perguntas detectamos o grau de preconceito nas respostas dadas.



**Gráfico 1: Você acha que tem algum preconceito**

As tabelas abaixo, por sua vez, revelam disparidade com as respostas do gráfico acima, uma vez que os alunos começam a revelar seus preconceitos. As perguntas a seguir estão relacionadas à questão da Homossexualidade. Percebemos que durante as respostas os entrevistados revelaram um alto teor de preconceito acerca dessa temática.

**TABELA 01 – Quando a Rede Globo promoveu uma cena de um beijo gay na Tv, o que você achou?**

<b>Desnecessário</b>	<b>8</b>
<b>Normal</b>	<b>7</b>

<b>Nojento</b>	3
<b>Ridículo</b>	2

**TABELA 02** – *Quando está entre amigos ou família, como você se dirige a um homem cuja escolha sexual é do mesmo sexo?*

<b>Viado</b>	<b>10</b>
<b>Homossexual</b>	7
<b>Não falam nada</b>	2
<b>Gay</b>	1

**TABELA 03** – *Quando está entre amigos ou família, como você se dirige a uma mulher cuja escolha sexual é do mesmo sexo?*

<b>Lésbica</b>	<b>8</b>
<b>Sapatão</b>	5
<b>Pocha</b>	5
<b>Não falam nada</b>	2

Nos dados acima, detectamos que os conceitos aplicados pelos estudantes apresentam uma divisão binária de concebê-los, levando a sérias implicações em relação às questões de gênero e interações sociais na sala de aula.

Em variados grupos de pessoas, por muitas vezes, o tabu é visto a partir de proibições. “É o tabu que delimita e determina essa tipologia de uma unidade lexical caracteriza-se por ser, então, um sistema de superstições relacionada a valores morais” (ORSI, p. 11). Dessa maneira, identificamos que existe uma saliência nos dados acima em relação aos itens lexicais pejorativos e que revelam preconceito. Na Tabela 1, observamos que as palavras “desnecessário”, “nojento” e “ridículo”, quando somadas, são maiores do que os participantes que afirmaram ser “normal”. O mesmo resultado se aplica na Tabela 2, quando o termo “viado” vindo da posição de sujeitos cisgênero/cisgênera de orientação heterossexual torna-se pejorativo, uma vez que existe uma relação de distanciamento que são consideradas formas de representação pejorativas.

No dicionário de Houssais (2001, p.2835) “viado” está descrito como: “o uso desta palavra, no Brasil, em sentido tabuístico e freq. disfêmico, não está explicado satisfatoriamente”.

Salientamos, dessa maneira, que a palavra acima sofre um processo de metaforização em que a palavra “veado” passa a ser resignificada de forma discriminatória.

A designação do termo “veado” de forma pejorativa para se referir a homens homossexuais é muito presente na cultura brasileira, em contrapartida muitos países do hemisfério norte esse animal é visto como símbolo de virilidade. Vários autores ( JUNIOR, 2002; SAFFIOTTI, 1987) têm pesquisado a origem desse novo significado.

Derivado da conjugação do verbo latim *venari*, que significa caçado, é possível observar como o termo “veado” possui um caráter preconceituoso, que se entrelaça gravemente nas relações gênero binário homem/mulher. Segundo Saffiotti (1987), o caçador estaria atribuído ao sexo masculino e a caça ao sexo feminino, demonstrando claramente uma relação de poder, atribuindo superioridade ao caçador.

Já o termo “sapatão”, dicionarizado por Houssais (2001, p. 2516), “refere-se ao estilo do sapato *predileto*, na década de 70, pelas mulheres com essa opção sexual (mulheres homossexuais), cujo comportamento guardava relação com o movimento *hippie*”. Nesse ponto, essa palavra sofre um processo de metonímia em que uma parte passa a ser utilizada pelas mulheres para representar o seu todo.

O termo “gay”, mesmo usado socialmente para ser menos pejorativo, indica discriminação, uma vez que a palavra se refere “a homossexual, alegre”. Aqui, o termo sofre um processo de adjetivação, passando a ser uma qualidade para as pessoas homossexuais. Por essa razão, talvez, o termo acabou se subvertendo no discurso.

Esses resultados revelam um tabu linguístico existente nos estudantes, que nada mais é que uma não permissão ou uma interdição linguística ao pronunciar aquilo que se atribui como violável, ou que acarretará algum tipo de castigo, na maior parte do tempo atrelado a valores morais e permeado na ideia do pode ou não pode (cf. ORSI, 2011).

Por sua vez, os resultados sugerem que a noção de sexualidade desses estudantes está delineada por um padrão heteronormativo, oriundo a fatores culturais aos quais eles são inseridos. Essa construção heterossexual influencia negativamente na construção da identidade de outros sujeitos, uma vez que concebemos outras identidades em sala de aula, a exemplo dos sujeitos cisgênero/ cisgênera de orientação homossexual ou transgênera.

O processo identitário pode ser construído também a partir de práticas discursivas, podendo ser influenciadas por termos pejorativos (cf. POTTER, 1996). Assim, “em se tratando das identidades sexuais e de gênero, isso pode significar que aqueles e aquelas que se afastam da norma

são representadas como diferentes ou desviantes, experimentando práticas de discriminação ou subordinação” (CASTRO, 2012, p.148).

Nos resultados da análise, identificamos que os termos pejorativos são influenciados pela construção de uma única forma de conceber sexualidade estabelecida socialmente. Essa realidade apaga por completo outras identidades de gênero e revela um preconceito explícito no ambiente escolar. Para tentar modificar esse cenário no ambiente escolar, eis o papel da escola no que tange à sexualidade e à linguagem: trabalhar com os alunos o conceito de gênero.

Na tabela abaixo, as perguntas a seguir, estão relacionadas à questão da Igualdade entre homens e mulheres, os resultados também revelaram uma construção identitária que prevalece uma relação de dominação do sexo masculino em relação ao feminino. Vejamos os dados:

**TABELA 4-** *Quais atribuições abaixo são atividade de homem, ou mulher ou de ambos?*

- Arrumar a casa	
<b>Ambos</b>	<b>13</b>
<b>Mulher</b>	<b>7</b>
- Lavar o carro	
<b>Homem</b>	<b>17</b>
<b>Ambos</b>	<b>3</b>

Em consideração as duas situações colocadas, levamos a crer que há diferenças na primeira em relação à segunda. Se os alunos já consideram que uma simples tarefa como arrumar a casa seja uma atividade realizada por ambos, isso significa um avanço para o pensamento histórico que concebe a casa ainda como um lugar propriamente da mulher.

Entretanto, identificamos que a tarefa de “lavar o carro”, 17 estudantes ainda consideram uma atividade restritamente masculina, e aqui um agravante, pois na pesquisa há uma quantidade maior de mulheres do que homens. Neste sentido, podemos inferir que mesmo as meninas ainda são reflexo de uma mentalidade machista que se perpassou através da história. “A ideologia machista, na qual se sustenta esse sistema, socializa o homem para dominar a mulher e esta para se submeter ao ‘poder do macho’” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 150). Essa mentalidade é resultado de uma relação de dominação do homem sobre a mulher. Tal relação é percebida a partir da figura do “carro”, esse termo passa a ser uma metonímia representando o próprio homem (parte pelo todo).

Isso leva para um apagamento da figura da mulher, e aqui, desde sua infância, uma vez que dentro do ambiente escolar as próprias meninas, devido toda sua construção social de sexualidade, não percebem toda dominação masculina presente na sociedade.

## **ENLAÇANDO SEXUALIDADE E LINGUAGEM: UMA CONCLUSÃO**

A escola, muitas vezes, tem contribuído para que haja uma reprodução/afirmação para a produção de desigualdades no que tange ao gênero e sexo. E, infelizmente, “a escola reafirma os discursos culturais e sociais que determinam modelos femininos e masculinos ‘fixos’ e a heterossexualidade como ‘um rumo certo’, mantendo severa a vigilância” (CASTRO, 2011, p. 153).

Por sua vez, diante das análises feitas, acreditamos que a escola não pode reiterar o discurso normativo heterossexual em seus alunos, mas sim intervir consideravelmente na desconstrução do pensamento de sexualidade e gênero eleita como “a padrão”. Deve-se haver uma problematização dessas concepções e uma reflexão acerca da linguagem utilizada por toda comunidade escolar, uma vez que a escola é lugar de aprendizado e ensino.

No ambiente escolar, é necessário realizar um trabalho de separação acerca do que seja sexualidade e gênero, uma vez que deve ser concebida uma diferenciação de sexo biológico e produção social de gênero.

As relações de gênero englobam as questões de sexualidade e envolve muito mais do que simplesmente o corpo como fator determinante biológico. Essas relações entre sexualidade e linguagem são de suma importância, pois o conhecimento intelectual que o mundo está efervescendo está chegando na escola. É preciso discutir tais realidades em sala de aula, explicando aos alunos que existem outras possibilidades de sexualidade e outras identidades de gênero.

Uma alternativa para tentar sanar os conflitos acerca das questões de sexualidade, linguagem e gênero é a elaboração de projetos, palestras e uma conscientização sobre tais temáticas. Levar os alunos a refletirem por meio de atividades interdisciplinares para juntos construir um novo pensamento, como por exemplo a elaboração de um Fórum Interdisciplinar para trabalhar os temas transversais inseridos nas disciplinas da educação básica, obtendo, em sua finalidade, a ressignificação intelectual do indivíduo pronto para debater com a sociedade questões relacionadas a gênero e sexualidade.

### **Agradecimento**

Queremos agradecer ao Prof. Mestre Danillo da Conceição Pereira Silva pelo tempo disponibilizado para leitura e preciosas contribuições acerca do gênero, linguagem e sexualidade para que este artigo fosse concebido.

## Referências

ALTMAN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos Feministas**, ano 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, M. E.; ANDRADE, F.; MENEZES, C. (orgs). **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva.** João Pessoa: Universitária/UFPB, 2009.

CASTRO, R. P. Perspectivas da formação docente no enfrentamento ao sexismo e à homofobia. In: RIBEIRO, C. M. Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil. Lavras, UFLA, 2012 (p. 142-159).

HARAWAY, D. **Ciencia, cyborgs y mujeres.** La reinvención de la naturaleza. Manuel Talens. Valencia: Madrid: Ediciones Catedra, 1995.

HOUSSAIS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houssais da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNIOR, L. C. P. **Com a língua de fora** - A obscenidade por trás de palavras insuspeitas e a história inocente de termos cabeludos. São Paulo: Angra, 2002.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, 2007 (p. 201-218).

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, (p. 9-27).

ORSI, Vivian. **Tabu e preconceito linguístico.** ReVEL, v. 9, n. 17, 2011.

OSTERMANN, Ana Cristina & FONTANA, Beatriz. (Orgs.) **Linguagem, gênero, sexualidade:** clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PORTER, R. “Perplexo com palavras difíceis”: os usos do jargão médico. In PORTER. B; PORTER, R. (Orgs.) **Línguas e jargões – contribuições para uma história social da linguagem.** São Paulo: Unesp, 1996. (57-83).

SAFFIOTTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, C.M.; IZUMINO, W. P. **Violência contra as mulheres e violência de gênero**: notas sobre estudos feministas no Brasil. USFCA: EIAL, v. 16, n. 1, 2005.

SOUSA FILHO, A. **Educação sem preconceito**: a família e a homossexualidade. Boca da Noite, Natal, v. 3, 2001 (p. 1-4).

VIANNA, C.; FINCO, D. **Meninas e meninos na educação infantil**: uma questão de gênero e poder. Cadernos pagu, v. 33, 2009 (p. 265-283).